



Ensaio - Uma fenda entre linguagem, consciência e realidade

Publicado em 2026-04-16 12:07:47



BOX DE FACTOS

- Uma simples frase de um monge tibetano pode abrir uma fenda entre linguagem, consciência e realidade.
- O termo “isto” funciona como apontamento para o real antes da sua fragmentação em nomes, identidades e categorias.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- O eu poderia ser menos uma tortaleza e mais uma aparência transitória dentro de um campo mais vasto de existência.
- O verdadeiro enigma não é apenas o que o universo é, mas quem somos nós dentro dele — ou talvez quem deixamos de ser quando largamos a ilusão da centralidade.

Eu Sou Isto

Um Ensaio Filosófico Sobre Unidade,

Consciência e Realidade

“Eu sou isto, tu és isto e ele é isto. E isto é tudo o que existe.” Há frases que não explicam o mundo: rasgam-no. Não nos oferecem uma resposta pronta; arrancam-nos antes do conforto das palavras e deixam-nos diante do espanto nu do ser.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

rara simplicidade: “Eu sou isto, tu és isto e ele é isto. E isto é tudo o que existe.” A frase parecerá ao leitor estranha e na categoria de sentenças que parecem simples demais para serem profundas, e talvez profundas demais para serem cómodas.

À primeira vista, o leitor moderno pode sentir uma certa irritação. “Isto”? Mas o que é “isto”? Onde está a precisão? Onde está a definição? Onde está o rigor taxonómico com que a mente ocidental gosta de etiquetar a realidade como se o universo fosse um armazém e nós os seus fiéis escriturários? E no entanto é precisamente aí que a frase começa a operar. Ao recusar nomear de forma fechada aquilo a que aponta, ela impede a domesticação prematura do real.

“Isto” é talvez a palavra mais humilde e, por isso mesmo, uma das mais explosivas da linguagem. Não é um conceito fechado como “substância”, “alma”, “Deus”, “matéria” ou “consciência”. É um gesto verbal. Quase um dedo. Quase silêncio. O monge não parece querer definir o mundo; quer antes desviar-nos da compulsão de o fragmentar. Antes de dizermos “eu”, “tu”, “pedra”, “rio”, “estrela”, “corpo”, “história”, já existe simplesmente **isto**: presença, realidade, acontecimento, manifestação — ou algo ainda mais fundo que nenhum destes termos consegue aprisionar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

imaginamos. É útil, sem dúvida. Serve para atravessar a rua, pagar impostos, sofrer com dignidade e defender opiniões em jantares de família. Mas essa utilidade prática não prova que o eu seja uma entidade substancial, fixa, autónoma e soberana. Pode ser apenas uma construção funcional da consciência, uma espécie de interface biográfica com que navegamos no mundo.

Quando o monge diz “eu sou isto, tu és isto e ele é isto”, não está a apagar a diversidade concreta das pessoas. Não está a dizer que uma criança, uma árvore e uma montanha são idênticas na forma, na função ou na experiência. Seria uma banalidade mística daquelas que soam profundas apenas a quem já desistiu de pensar. O que a frase parece sugerir é mais subtil: por detrás das formas diferenciadas, não existe uma separação absoluta. A identidade individual, tal como a vivemos, é real num plano operativo, mas talvez ilusória num plano último.

O escândalo filosófico está precisamente aqui: o eu que nos parece centro do mundo poderá ser apenas uma ondulação local numa realidade mais vasta. Não um rei, mas um remoinho. Não uma ilha, mas uma dobra do oceano. E esta ideia, longe de ser deprimente, pode ser libertadora. Porque o eu isolado é também o eu angustiado, o eu sitiado, o eu que vive cercado por medo, vaidade, posse e

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Campo

A física moderna não nasceu para confirmar monges, nem os monges para antecipar equações. Ainda assim, seria intelectualmente cego negar que certas descobertas científicas fizeram ruir a visão ingénua de um universo feito de objectos sólidos, isolados e definitivamente separados. A matéria, que parecia o chão último da realidade, revelou-se bem mais estranha. O sólido tornou-se poroso. O estável tornou-se processual. O “objeto” passou a ser entendido, em muitos níveis, como padrão, relação, excitação, campo, energia organizada.

A célebre equivalência entre massa e energia mostrou que aquilo que os nossos sentidos tomavam por categorias distintas podia afinal ser apenas expressão diversa de uma mesma arquitectura do real. Não, isto não “prova” o enunciado do monge. A vulgaridade pseudo-espiritual de usar Einstein como santinho de bolso para validar qualquer nebulosa metafísica é uma das preguiças intelectuais do nosso tempo. Mas a ressonância permanece: também a física, pela sua via própria, foi retirando ao universo o seu aspecto de colecção de tijolos independentes.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

uma unidade mais profunda — não uma unidade simplista, mas uma unidade dinâmica, fértil, metamórfica. O universo não como inventário de coisas, mas como processo de emergência, transformação e relação.

Filosofia: A Longa Suspeita da Unidade

A filosofia ocidental, quando não está ocupada a produzir bibliografias sobre bibliografias, também conhece bem esta intuição. Parménides pressentiu a unidade do ser. Heraclito viu no fluxo a verdade do real. Espinosa ousou imaginar tudo quanto existe como modos de uma única substância infinita. Schopenhauer suspeitou de uma vontade subjacente às aparências. Mesmo em correntes mais cépticas ou analíticas, persiste a inquietação: será a multiplicidade que vemos a estrutura última do mundo ou apenas a forma como uma mente finita o recorta?

Espinosa, em especial, merece aqui um breve aceno. Quando descreve os seres particulares como modos de uma realidade única, ele aproxima-se, sem o saber e sem o querer, de algo que o monge talvez reconhecesse com um sorriso silencioso. As coisas não deixam de ser distintas, mas a sua distinção não as transforma em absolutos separados. São expressões, modulações, formas transitórias de uma base

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

aquilo que a sabedoria contemplativa prefere apontar com silêncio. Ambas tentam tocar o mesmo animal esquivo: o real antes da sua caricatura. Uma escreve tratados; a outra senta-se a respirar. E talvez ambas, no seu melhor, saibam que o essencial escapa à rede verbal com a elegância feroz de tudo o que é vivo.

O “Isto” Como Antídoto ao Narcisismo

Ontológico

Há também uma consequência ética nesta frase, e talvez seja essa a sua mais importante verdade prática. Se eu sou “isto”, e tu és “isto”, e ele é “isto”, então a pretensão de superioridade ontológica torna-se ridícula. O orgulho, que vive de fronteiras infladas, começa a perder o seu palco. O ódio, que depende de uma separação radical entre “nós” e “eles”, vacila. A compaixão deixa de ser sermão moral para passar a ser inteligência da relação.

Vivemos numa civilização inteiramente dedicada à hipertrofia do eu. Tudo conspira para isso: a economia da atenção, o culto da imagem, a teatralização permanente da opinião, a pornografia da identidade convertida em marca. Cada indivíduo é instado a apresentar-se como micro-império emocional, pequeno sol privado, entidade central do

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

serenidade. Diz-nos, em substância: acalma-te. Não és o centro do cosmos. Mas também não estás exilado dele. És expressão, passagem, aparição. És isto. E o outro também. E talvez seja precisamente nessa despromoção do ego que resida uma forma superior de dignidade. Não a dignidade do pedestal, mas a dignidade da pertença.

O Limite da Linguagem e o Mistério do Real

Há ainda uma última camada, talvez a mais funda. “Isto” pode ser também a confissão de que a realidade última não cabe em palavras. Sempre que nomeamos, delimitamos. Sempre que definimos, cortamos. A linguagem é indispensável, mas opera por recorte, contraste, distinção. O real pode ser mais vasto do que essa grelha. Pode ser mais contínuo, mais ambíguo, mais indivisível do que o discurso suporta.

Talvez por isso as grandes tradições místicas e filosóficas acabem tantas vezes por tocar o silêncio. Não por desprezo da razão, mas por respeito ao excesso do real. O mundo não é irracional; é maior do que os nossos dispositivos de captura. E o “isto” do monge seria então a forma mínima, quase austera, de apontar para esse excesso sem o trair demasiado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ultrapassa.

Conclusão: Não Somos Estranhos no Universo

No fim de contas, a frase do monge tibetano talvez diga algo simultaneamente simples e vertiginoso: não somos entidades lançadas para fora do universo, como náufragos cósmicos condenados a assistir à realidade de uma margem exterior. Somos modos da sua própria aparição. Formas temporárias pelas quais o real se manifesta, se observa, se interroga e talvez até se maravilha consigo mesmo.

A física diz-nos que somos feitos da mesma matéria estelar que ilumina as galáxias. A filosofia sugere que a multiplicidade pode repousar sobre uma unidade mais funda. O budismo murmura que o eu separado é uma ilusão persistente. E a frase do monge, com uma economia verbal quase insolente, condensa tudo isso num só apontamento: **isto.**

É pouco, dirá a mente que exige definições. É imenso, responderá a consciência quando se cala o suficiente para escutar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

tessitura fundamental. Não donos. Não exilados. Não centros absolutos. Apenas expressões transitórias do que é.

E isso, convenhamos, já não é nada pouco. Num mundo intoxicado de egos inflamados e certezas baratas, descobrir-se “isto” pode ser o primeiro gesto de humildade lúcida — e talvez o princípio de uma liberdade mais funda.

Epílogo

Talvez toda a sabedoria comece no instante em que deixamos de perguntar “o que possuo eu de singular?” e ousamos perguntar “de que totalidade sou expressão?”. Nesse momento, o eu deixa de ser prisão e torna-se janela.

Aletheia Veritas · com Augustus Veritas

Ensaio original para **Fragmentos do Caos** — uma meditação sobre o ser, a unidade e a ilusão da separação num tempo que confunde ruído com consciência e ego com identidade.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

As pessoas de hoje tendem, cada vez mais, a sobrevalorizar o eu em detrimento do outro. E é aí que reside uma parte profunda do sofrimento da civilização actual. Quando o indivíduo se torna o centro absoluto de tudo — da atenção, da razão, da validação e até do sentido da existência — o mundo deixa de ser espaço de encontro e passa a ser apenas palco de auto-afirmação.

O outro, que deveria ser presença, limite, espelho, diálogo e reciprocidade, transforma-se então em obstáculo, instrumento ou simples audiência. E uma sociedade que rebaixa assim a alteridade corrói-se silenciosamente por dentro. Porque a vida humana não floresce no culto do ego, mas na relação, na escuta, no cuidado e na consciência de que ninguém se constrói sozinho.

Grande parte do sofrimento moderno vem talvez desta inversão: multiplicaram-se as linguagens da identidade, da expressão e da visibilidade, mas empobreceu-se o vínculo, a comunidade, o dever e a atenção genuína ao outro. O eu foi inflacionado. A alma comum foi emagrecendo.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Francisco Gonçalves (2026)



Ler o Livro : A Luz do Outro



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)